

CVV, 24 horas na linha

O Centro de Valorização da Vida (CVV) é a última esperança para muitos solitários de uma grande metrópole

Martha Batalha e Leonardo Cunha

"CVV, boa tarde. Em que posso ajudar?" Estas poucas palavras significam o início de uma nova vida para milhares de habitantes de uma cidade grande que, vítimas da solidão, desespero e malandragem, procuram o Centro de Valorização da Vida (CVV), como forma de evitar o suicídio.

O CVV surgiu no Brasil em 1962, em São Paulo. Hoje está espalhado pelas principais cidades do país, em 40 postos de atendimento, funcionando 24 horas por dia. No Rio, são dois no Centro e um em Copacabana.

Para Regina Nascimento, voluntária do CVV há dois anos e coordenadora de divulgação do posto Rio de Janeiro/Centro, a entidade funciona como uma espécie de "franchising não lucrativo". A fórmula é simples: um grupo de pessoas se reúne e funda uma sociedade beneficente, que adota a "marca" e o método CVV.

Ao todo são cerca de dois mil voluntários, trabalhando pelo telefone em plantões de três horas e meia por semana, e algumas vezes atendendo pessoalmente a quem precisa.

Para a seleção de voluntários o CVV realiza anualmente dois cursos, que constam de cinco aulas práticas sobre o que é e como funciona a entidade. Logo após, os futuros plantonistas realizam dois meses de

estágio, onde são avaliados pelos veteranos. Os candidatos aptos para o serviço permanecem.

No posto Rio/Centro trabalham 83 voluntários, que atendem perto de 50 ligações por dia, uma média de 18 mil chamadas anuais. Um número que, à primeira vista, assusta, mas torna-se ridículo se confrontado com as estatísticas de suicídio no Brasil. (Veja quadro).

De acordo com a filosofia da entidade, dar conselhos e fazer referências a doutrinas religiosas é expressamente proibido. Somente em casos de alcoolismo é que indicam outra associação, os Alcoólatras Anônimos (AA). A garantia do anonimato é um incentivo à procura pela entidade. O voluntário jamais pede que seu interlocutor se identifique, e só revela seu nome caso seja perguntado. Qualquer interferência direta na vida da pessoa é expressamente proibida.

Os plantonistas não podem impor nada à quem liga, devem apenas escutar. "Nós confiamos na capacidade das pessoas de resolver seus próprios problemas. Cada um sabe o que é melhor para si", diz Vick, plantonista há dez anos.

Mesmo assim, tanto Vick quanto Regina admitem que é

angustiante quando uma pessoa que tem a intenção de cometer suicídio desliga o telefone. Não se sabe qual será a decisão. Muitas vezes o alívio é sentido semanas depois quando reconhecem em outra ligação a voz da pessoa que estava desesperada algum tempo atrás.

O único caso em que o plantonista pode ajudar é quando o processo de suicídio já se iniciou e a pessoa se mostra arrependida. Nesta situação o voluntário levanta dados para localizar a pessoa e, em seguida, entra em contato com paramédicos, polícia e corpo de bombeiros.

É, na verdade, graças à colaboração dos voluntários que o CVV consegue se manter. As doações de instituições e empresas são raras e bem vindas. Restam aos plantonistas o expediente de realizar rifas e bingos para arrecadar dinheiro. Mas por que pagar para trabalhar no CVV, escutar ameaças de suicídio, lamentações, muita tristeza e decepção? Regina e Vick explicam: é apenas por amor.

As angústias de quem procura o CVV

Segundo a voluntária Regina Nascimento, os motivos que acometem as vítimas de suicídio são explicados em uma única palavra: solidão. Para combater o mal, o CVV tem um remédio muito

Suicídio em números

- O 8º lugar em números de suicídios no mundo é do Brasil
- 52.500 pessoas se matam por ano
- 230.000 realizam tentativas frustradas
- 50% das tentativas de suicídio são registradas como acidente
- Há 3 homens suicidas para cada mulher (os métodos são mais violentos)
- A cada 15 minutos acontece um suicídio e quatro tentativas
- 1/4 dos acidentes automobilísticos tem embutida a intenção de suicídio

simples: doação de afeto e amizade. "Nosso trabalho funciona em cima de uma falha da sociedade, que é não ouvir o outro", explica Regina.

Um bom exemplo é a figura do portador do vírus da AIDS. Os que, na maioria das vezes, procuram o CVV, não o fazem pela doença em si, mas por se sentirem abandonados pela família e pelos amigos. A carga de preconceito que a doença gera contribui para que se reduza o círculo afetivo do infectado. Os amigos que ainda restam podem se dissipar, caso venham a saber do problema.

O indivíduo, então, isola-se, e a solidão pode levar ao extremo do desespero.

Não é à toa que o número de ligações recebidas pelo CVV aumentou muito de oito anos para cá, justamente o período em que a AIDS se consolidou como epidemia e a situação econômico-social do país piorou. A perda do emprego,

uma desilusão amorosa, a descoberta de uma doença incurável, são muitas vezes a gota d'água para uma pessoa solitária e amargurada. "Nosso objetivo é evitar que o copo encha e transborde", explica Regina.

Algumas coisas podem surpreender à primeira vista no CVV. Uma delas é o fato de crianças

também procurarem o serviço. A causa se deve, em geral, a espancamentos cometidos pelos pais. Em outros casos, a criança se sente insegura e rejeitada pelo nascimento de um irmão.

As ligações aumentam durante as comemorações familiares, como natal e páscoa. Há também um horário do dia em que são mais frequentes: o plantão das 22h à 1h 30 min. A novela já terminou, e a turma da insônia procura o CVV.

Um corte de cabelo desastroso

chamada. O mesmo se aplica àqueles que se masturbam durante a ligação. Neste caso o atendente avisa que vai desligar o telefone, mas que a pessoa pode ligar em outro momento..

Nem todas as ligações, porém, são tristes e angustiantes. A plantonista Vick lembra de uma que lhe marcou: uma moça ligava sempre queixando-se de que não conseguia engravidar. Seu último telefonema foi para agradecer o apoio recebido e contar que ia ser mãe.

O público que utiliza o trabalho

do CVV reconhece o trabalho quixotesco realizado por seus voluntários.

O reconhecimento se transforma em gratidão.

"Ele se preocupa conosco!", diz Regina. Ela conta que, numa noite de chuva, recebeu a ligação de uma senhora, perguntando se voltaria para casa pela Tijuca. Como a resposta foi negativa, a senhora ficou aliviada:

"Ainda bem, porque aqui está chovendo muito, as ruas estão alagadas!" ■



Reprodução

"Cabeça de Sofrimento", de Auguste Rodin, em bronze.

A expressão de angústia foi obtida através de uma mistura de Realismo e Expressionismo

ou a perda de um dente, apesar de parecerem fatos banais, são suficientes para abalar a auto-estima da pessoa e aumentar sua frustração diante da vida. Também há casos de trotes. Segundo o CVV, quem passa um trote para a entidade é, no fundo, uma pessoa solitária, e merece o mesmo tratamento que qualquer outra

CVV-Rio
233-9191